CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO (*)

125 No 'Diario do govêrno' n.º 151, n'um artigo tirado do jornal dos caminhos-de-ferro, que se publica em París, onde se tracta dos carris-de-ferro que se vão construir na Hispanha, notam-se todas as vantagens que d'elles resultam para as communicações; e, recommendando-se economia na construcção, prefere-se a este respeito o systema americano.

Achando-se Portugal no mesmo estado de falta de communicações, não podêmos deixar de dizer algumas palavras sôbre este objecto, tanto acerca das de construcção ordinaria, como dos caminhos-de-ferro em geral; pois julgâmos que este ramo d'administração pública nunca será demasiadamente considerado e discutido, para se chegar a um perfeito conhecimento da materia.

N'um paiz como Portugal que não tem estradas, mas que mostra os desejos de as ter, forçoso lhe é formar primeiro um plano geral da grande rede das principaes com que se deve cubrir todo o reino, a fim de gozarem todas as provincias das vantagens que d'ahi podem resultar.

Olhando-se para a configuração de Portugal, ao longo de uma costa, com excellentes portos para a exportação dos seus productos, apresentando uma pequena largura que quasi não excede a dois graus geographicos — parece que similhante posição indica logo quaes devem ser as direcções das estradas da grande rede de que fallámos; isto é: em primeiro logar as linhas transversaes de todos os portos de mar, parallellas entre si, do poente ao nascente, até a raia da Hispanha, para que todas as provincias interiores possam gozar das vantagens do commercio pelos caminhos mais curtos e para os portos mais proximos.

Estes portos são, começando do norte: Vianna, Villa-do-Conde, Porto, Aveiro, Figueira, Lisboa, Setubal e Sines, na costa occidental; e na costa meridional do Algarve — Lagos, Faro e Tavira.

Deve-se portanto tractar de construir as estradas seguintes:

1.ª — de Vianna ao longo da raia de Galliza, por Montalegre e Chaves, até Bragança;

2.ª — de Villa-do-Conde, por Braga, até Miranda;

3.ª — do Porto a Villa-Real, Moncorvo, e Mogadouro;

4.ª — de Aveiro para Viseu e Pinhel;

5.ª — da Figueira para Coimbra, dividindo-se ésta em dois ramos — um dos quaes conduz á margem esquerda do Mondego na direcção da ponte da Murcella, onde entrará na estrada que vem de Lisboa — e o outro que se dirige por Viseu até Almeida;

6.ª — de Lisboa, como estrada central, pela Alhandra, onde se divide em dois ramos principaes — um que corre ao longo do Tejo para Santarem, Golgan, Barquinha e Abrantes, até á raia da Hispanha — outro que toma para a esquerda pelas Caldas, Pombal, Leiria, Ponte-da-Murcella, Cêa e Guarda: uma segunda estrada central, atravessando de Lisboa o Tejo em barcos de vapor a Aldêa-Gallega, por Evora e Elvas, até a raia. Uma d'éstas estradas, aquella que se dirige por Abrantes ou a última que se dirige por Elvas até a raia — poderá ser caminho-de-ferro. A escolha se deverá deixar aos emprezarios que saberão calcular melhor o que convem;

7.º — de Setubal para Alcacer-do-Sal, e de lá na direcção de Olivença;

8.º — de Sines a Beja até o Guadiana;

Além d'éstas estradas transversaes teremos agora de contemplar duas estradas longitudinaes para completar a rede das estradas principaes:

1.ª — a que deverá correr da raia da Galliza, ou de Chaves, por todo o reino até Faro ou Tavira no Algarve, dirigindo-se mais além do centro da latitude do reino e mais aproximada á raia da Hispanha, passando por Villa-Real, San'João-da-Pesqueira, Viseu, Castello-Branco, Portalegre, Extremoz, Beja, a Faro ou Tavira;

2.ª — outra de norte a sul a pouca distancia da costa, que comece em Vianna e se dirija a Braga, pelo Porto, Coimbra e Leiria, entrando na estrada que vem de Lisboa: e outra de Lisboa para Setubal a Beja, entrando ahi na outra estrada longitudinal para Faro.

Parte d'esta última estrada, do Porto a Lisboa, poderá ter um carril-de-ferro; e a meu ver serão duas so as estradas marcadas para caminhos-de-ferro — a que ligasse a Hispanha com Portugal, e outra entre as duas cidades principaes do reino — que poderão prometter para o futuro algumas vantagens ás companhias que os emprehenderem: mas as vantagens para o paiz serão incalculaveis ainda que os emprezarios percam a principio. Os cinco dias de viagem por terra até o Porto se incurtarão a cinco horas, e ligando-se o caminho-de-ferro portuguez com outro da Hispanha para Madrid, que ficasse em contacto com o que vem de França, que se acha ja ligado com differentes caminhos de Allemanha, se poderia ir e voltar de Vienna d'Austria em 15 dias. Os outros carris-de-ferro em Portugal serão por ora sonhos agradaveis.

A grande rede de estradas principaes n'este reino terá pouco mais ou menos a extensão de 500 leguas; e descontando-se d'estas 86 leguas para caminhos-de-ferro, ficarão 414 leguas a construir de estradas macdamizadas. Ja em outra parte temos demonstrado que as despezas das obras emprehendidas em Portugal custam uma terça parte mais que na Allemanha, portanto, comparando as despezas, as 414 leguas de estradas macdamizadas farão a despeza de 10.350.000.000 rs, sendo construidas com toda a solidez, e como devem ser. As 86 leguas de caminhos-de-ferro custarão (cada legua 232.000,000) a somma de 19.952 000.000 rs.

Correrem algumas das estradas indicadas ao longo de rios navegaveis em nada prejudica a concorrencia dos transportes nos ditos rios, e sería grave êrro se por causa das estradas se abandonassem as providencias do melhoramento da navegação nos rios, tendo a experiencia em outros paizes mostrado que a navegação dos rios e canaes tem sempre augmentado na proporção do augmento das communicações por terra, e ao longo dos mesmos rios: v. g. no Rheno, que ha

(*) Depois de termos escripto este artigo chegou-nos á mão o n.º 3 da *Revista Universal* com o seu excellente artigo sôbre caminhos-de-ferro, o qual applaudimos em geral. O nosso virá portanto a proposito para dar mais algum desinvolvimento sôbre o assumpto de estradas.

dez annos apenas era navegado por 10 barcos de vapor sem ter carril.de-ferro ao lado, actualmente que tem caminhos de ferro desde a foz até quasi á nascente, conta 50 barcos de vapor. O mesmo augmento simultaneo de communicações por agua e terra se acha na Inglaterra, na Belgica e na França, visto que a facilidade dos transportes, sua segurança, e a barateza, augmenta cada vez mais o movimento do commercio.

Não obstante conhecer-mos quasi todo Portugal em todas as direcções, comtudo não nos atrevêmos a designar com certeza os logares intermedios da direcção de cada uma das mencionadas estradas; o que deverá ser objecto principal e separado das indagações de ingenheiros peritos não só na construcção das estradas, mas tambem na combinação das maiores vantagens que offerecem aos povos ésta ou aquella direcção, em harmonia com a maior economia de construcção.

O orçamento da grande despeza que se deve fazer para formar a rede principal das estradas em Portugal, não deverá fazer esmorecer nem o govêrno nem os emprezarios ou companhias nacionaes. — Quem olhar para emprezas de similhante natureza em outros paizes que ja executaram a sua grande rede de estradas macdamizadas, e que ja hoje não são sufficientes para satisfazer o movimento do commercio, de sorte que a necessidade tem obrigado a augmentar os meios de communicação com dispendiosos caminhos-de-ferro, não obstante não se acharem n'esses paizes tantos cabedaes mortos como ha proporcionalmente ainda em Portugal, quem examinar isso, dizemos, verá que deve tomar ânimo para empregar os seus cabedaes n'estas emprezas.

O espirito emprehendedor e os grandes cabedaes disponiveis, foram, além da necessidade dos progressos da industria, o motivo principal por que os inglezes abriram o exemplo, ha mais de vinte annos, da construcção dos primeiros caminhos-de-ferro da Europa; não obstante achar-se o seu paiz coberto em todas as direcções de estradas macdamizadas, da primeira e da segunda ordem.

As vantagens que d'ahi resultaram para a industria e o commercio, dispertaram o govêrno belga, que á sua custa emprehendeu, dez annos mais tarde, a grande rede de carris-de-ferro, que completou no anno passado, com duzentas e tantas leguas de extensão; concedendo agora a emprezas particulares, extrangeiras e nacionaes, a execução dos carris que devem communicar com os caminhos principaes.

Seis annos depois da Belgica começaram na Allemanha as construcções de estradas de ferro, tanto por conta dos govêrnos como das emprezas particulares, chegando a ser uma verdadeira mania benefica.

Alguns annos mais tarde passou ésta mania á França, Hispanha, e agora a Portugal, que não ficará atraz, porque as nações, muitas vezes até contra a opinião dos govêrnos e da sua propria vontade, são arrastadas pela força das circumstancias.

O mesmo que succedeu, e ainda está acontecendo na Europa occidental, succede na parte oriental. Lá partem ja varios caminhos-de-ferro do lado da Prussia e da Austria n'aquella direcção, como as antenas de um insecto: um se dirige pelo interior da Hungria e virá a acabar em Constantinopla: outro vai por Kœninsberg em direitura á raia do imperio russo, e não ficará so em S. Petersburgo, mas em Moscow, visto que ja se trabalha com grande actividade para unir éstas duas grandes cidades em linha recta—e d'esta maneira os povos do occidente se vão unir aos do oriente; os portuguezes serão como vizinhos dos Moscovitas; uma viagem por terra de Lisboa a Moscow não levará mais tempo do que uma viagem de Chaves a Faro no estado actual das estradas. O que ha quarenta annos parecia impossivel, tem-se realizado ja em grande parte por factos: não são actualmente so os govêrnos que cuidam no augmento das communicações e construcção de estradas, com grandes sacrificios, são os mesmos povos que tomam este cuidado, pelo progresso das idêas, e fornecem os meios para isso, fraternizando uns com outros de tal maneira, que, faltando ao vizinho os meios, de todos os lados apparece auxilio; e a mania de construir caminhos de-ferro tem chegado na Allemanha a tal ponto que alguns govêrnos se teem visto obrigados a restringil-a com receios de que sejam desviados tantos fundos da industria e do commercio.

Este espirito progressista dos povos tem sôbretudo predominado na Allemanha, onde a principio para os animar e disputar era necessario que os seus esclarecidos govêrnos lhe promettessem 3 e 4 por cento como garantia do juro e cabedaes gastos. Mas poucos exemplos dos effeitos de similhantes medidas foram sufficientes para se progredir com extraordinaria rapidez na construcção dos caminhos-de-ferro, e dentro em seis annos, até o fim de 1844, ficaram concluidos 29 caminhos da grande rede projectada, com uma extensão de 380 leguas de 18 ao grau.

O movimento n'estes carris foi, segundo as tabellas estatisticas publicadas mensalmente na gazeta de Austria, durante todo o anno de 1844 de 10,306,165 passageiros e de 14,339,914 quintaes de mercadorias, do que resultou um rendimento de 13,675,122 cruzados.

Das 380 leguas foram construidas 90 á custa de varios govêrnos, e 290 á custa de companhias com uma somma de 162,324,408 cruzados, custando portanto, em geral, cada legua a quantia de 427,160 cruzados. Este cabedal gasto rendeu, como se acha indicado no anno de 1844, 8 $\frac{1}{2}$ por cento, e descontando-se 3 $\frac{1}{3}$ por cento para as despezas administrativas e de costeio, ficou um devidendo de 5 por cento, fallando geralmente; mas alguns renderam 7 e 8 por cento em quanto outros renderam so 3 e 4, não pagando os passageiros da primeira ordem das carruagens mais que 100 réis por cada legua de caminho, da 2.ª ordem (a mais frequentada) 70 réis, e da 3.ª ordem 40 reis. As mercadorias na proporção.

Além dos caminhos concluidos se acham actualmente em trabalho 810 leguas de extensão, metade das quaes á custa de differentes govêrnos, e outra metade á custa de emprezas particulares, achando-se occupados n'elles 126 mil trabalhadores, e devendo estar concluidos d'aqui a 4 annos; depois de projectados estes e além d'elles, mais outras mil e tantas legoas — 96 das quaes á custa de varios governos e 270 á custa de companhias — ja se acham tambem contractadas.

Toda a rede principal dos carris-de-ferro na Allemanha, terá uma extensão de 2,311 leguas, orçadas na

despeza de 819 milhões de cruzados. So as locomotivas para o costeio custaram 7 milhões.

Na Gran'-Bretanha estão actualmente concluidas 592 leguas de extensão, construidas no espaço de 25 annos, com uma despeza de 316 mil contos de reis; e d'ahi se vê — aindaque a construcção dos carris-de-ferro na Inglaterra não pára — que passados 4 annos a extensão d'elles na Allemanha será muito maior que na Inglaterra, não obstante datarem elles so de 6 annos a ésta parte.

Estes exemplos se mencionam somente para mostrar o que podem os govêrnos e os povos, onde reina o espirito de associação e boa-fé, quando seriamente tractam de melhorar o bem-estar da nação; quando govêrno e povo fraternizam e se prestam mutuamente os auxilios que todas as obras-publicas exigem. Os hispanhoes e portuguezes devem imitar similhantes exemplos em quanto fôr tempo, senão ficarão n'um atrazamento tal que depois será difficil remediar.

É verdade que a Inglaterra, a Belgica, a Allemanha e a França ja tinham a grande vantagem das communicações interiores por estradas macdamizadas, as quaes avivaram a industria e o commercio de sorte que, com a certeza de uma renda infalivel nos caminhos-de-ferro, podiam emprehender sem receio similhantes trabalhos dispendiosos, o que não acontece na Hispanha nem em Portugal, onde a construcção de caminhos-de-ferro terá por ora de ser muito limitada pela certeza das perdas que os emprezarios soffrerão ainda por muito tempo, e em quanto não se augmentarem as communicações interiores com estradas macdamizadas e menos dispendiosas. Este cuidado deverá ser o principal objecto e esmero dos govêrnos, como tem acontecido nos mencionados paizes, onde além dos caminhos-de-ferro que se construem, nunca param os trabalhos da conservação e multiplicação das estradas macdamizadas. São éstas, por assim dizer, as veias que de todos os lados correm para as grandes arterias — os caminhos-de-ferro; e estes últimos sem os primeiros não podem subsistir. Assim, se Portugal hade ter carris-de-ferro, é necessario cuidar na multiplicação das estradas macdamizadas.

A respeito das economias na construcção das linhas-ferreas na Hispanha, recomendadas no mencionado artigo do jornal de Paris, haverá poucos intendedores da materia que concordem com a recomendação do systema americano como mais barato, não se podendo comparar um paiz com outro. A America é paiz novo, ainda despovoado no interior, que pouco a pouco se vai conquistando por meio de caminhos-de-ferro. Estes caminhos devem ser baratos na sua construcção, visto que a principio servem so de antennas para apalpar o terreno, não se sabendo ainda onde pararão, facilitando so a entrada aos novos colonos para a acquisição dos terrenos, e para fazer recuar os indios: baratos devem ser estes caminhos para não serem tão enormes os sacrificios. E como elles correm por terrenos pelos quaes não pagam expropriações, ou por serem terras incultas ou porque os proprietarios nada exigem, antes fazem toda a diligencia para que esses caminhos passem pelas suas fazendas afim de se poderem servir d'elles para a exportação dos seus productos: tudo isto é de grande vantagem para os emprezarios.

A segunda vantagem para a construcção dos carris-de-ferro na America é a abundancia de madeiras, que pouco ou nada custam. São estes dous objectos vantagens como não se incontram na Europa, e ainda menos na peninsula hispanica toda despida de florestas. Como estes caminhos-de-ferro na America, cuja construcção se póde chamar barata, servem essencialmente para conquistar o paiz, podem ser construidos de um modo mais ligeiro e o menos dispendioso possivel; e por isso os americanos no começo, não applanam terrenos, não rebaixam montes, não atterram valles, não furam alturas, e para alcançar um plano nivellado sôbre que possam correr as locomotivas, servem-se de estacas grossas e mais ou menos compridas, fincadas no chão, que sustentam os carris; e d'esta maneira em muito pouco tempo fica acabado um caminho inteiro, e assim se conserva até apodrecer ou até que o augmento do movimento do commercio obriga a empreza a substituil-o por outro mais solido.

Que em taes caminhos, que se podem chamar provisorios pela ligeiresa da sua construcção, succedam muitos desastres, não é de admirar; mas que importa a conquistadores de terras a vida de alguns centenares de pessoas se trabalham para alcançar o seu fim? e no que elles mesmo pouco ou nada perdem em comparação dos ganhos futuros?

Á peninsula nada d'isto é applicavel; aqui ja não ha terrenos a conquistar, todos teem os seus donos, uns com costumes maus inveterados, outros cheios de marasma e molestias chronicas que difficultam os progressos da civilisação de uma maneira extraordinaria. Ganhar os animos d'estes povos, curar as suas molestias, fazel-os susceptiveis dos progressos da civilisação é tambem uma conquista de que os caminhos-de-ferro e toda a especie de communicação são os mais efficazes motores: entretanto estes progressos não se podem accelerar; elles obram lentamente mas com segurança, ganhando os povos confiança nos meios que os governos empregam para chegarem ao fim desejado, e vendo que estes meios não prejudicam nem a vida nem a propriedade.

A economia em tudo é muito recommendavel — economia no tempo e na adminstração — e são principalmente de recommendar as providencias para evitar fraudes e roubos, e disperdicios; mas recommendar economia á custa da solidez da construcção como faz o mencionado artigo do jornal francez, inculcando o systema americano, é uma economia mal intendida na Europa, que produziria pessimo resultado.

O que dizemos das economias na construcção dos caminhos-de-ferro, vale tambem na construcção das estradas macadmizadas em Portugal, que se acham ainda no maior atrazo; vendo-se nos poucos trabalhos ja executados, por uma parte mal intendidas economias, como é a pouca solidez fundamental nos logares onde a natureza a não offereceu, por outra parte disperdicios; v. g. largura desnecessaria, e dispendiosas calçadas lateraes de valetas onde não são precisas etc., etc.

Uma legua de estrada macdamizada e construida com toda a solidez, de 30 palmos de largura, como se acha prescripto, não poderá geralmente custar em Portugal menos de 20 a 25 contos de reis, e um caminho-de-ferro não menos de 220 até 232 contos de reis; e affoitamente se poderá asseverar que quem fizer éstas obras por menor preço, as fará á custa da sua

solidez: e por consequencia em prejuizo da nação que paga as custas, e que fica por fim sem estradas. O melhor ingenheiro da Europa não póde fazer estradas boas em Portugal emquanto o govêrno não ordenar a abulição ou melhoramento dos carros rusticos; exemplos, premios, persuasão, nada d'isso serve para um povo teimoso na conservação dos costumes antigos, e se o govêrno não tomar algumas medidas mais rigorosas, obrigando as Camaras-municipaes das provincias, cujos membros são os primeiros que se oppõem a similhantes providencias de melhoramentos, nunca Portugal gozará o beneficio de boas estradas.

O que mais admira é a indifferença com que até agora se tem olhado para um dos objectos principaes, que não so tolhe a factura de estradas boas como causa tambem um augmento quadruplo na despeza da sua conservação. Introduzam-se rastos largos nas rodas dos carros, que não deverão ter menos de 3 nem mais de 4 polegadas, e além d'isso seja o livre movimento das rodas em torno dos seus eixos, e logo apparecerão as vantagens d'esta medida benefica; as estradas ficarão cada vez mais solidas, e se conservarão quasi por si mesmo com a frequencia da passagem dos carros assim melhorados; ora, os carros actualmente em uso fazem o effeito de um arado trabalhando nas estradas ja macdamizadas. ***

—

Devemos este excellente artigo á penna mui competente de um distincto Official d'ingenheiros, com cuja colaboração muito se honra a REVISTA, esperando dever a seus talentos e estudos ainda outros artigos em proveito do paiz.

—

NOVOS CARRIS ATMOSPHERICOS.

126 MM. Julien e Valerio acabam de inventar um systema de caminhos atmosphericos inteiramente novo. Quatro, principalmente, são as suas differenças essenciaes: 1.ª não tem carril de ferro; 2.ª tem, em vez de um, dois tubos que servem conjunctamente de carril e motor; 3.ª os tubos não tem fenda longitudinal, porque a transmissão do movimento é intermittente a princípio se bem que contínua na realidade; 4.ª o comboi aindaque inseparavel dos pistons é todavia independente d'elles.

—

TORCIDAS ECONOMICAS E ACEIADAS.

127 Em um jornal como a REVISTA UNIVERSAL, não é de certo mal cabida a noticia que agora publicamos; para muitas pessoas não será ja novidade, mas sêl-o-ha porventura para a mór parte dos leitores.

São geralmente conhecidos os varios usos que entre nós se faz do junco, mas o seu prestimo para torcidas é indubitavelmente o mais valioso. Á bondade do Sr. Manuel do Rego, distincto cavalheiro e proprietario n'esta villa de Alpedrinha, devemos a posse de algumas duzias d'estas excellentes torcidas, feitas do junco da sua herdade das Zebras. Consistem no meditullio d'este vegetal quando perfeitamente desinvolvido; extrahe-se da sua repectiva bainha pela impulsão de um pauzinho, que se introduz na especie de cavidade em que termina, depois de cortado. Este pauzinho, ao passo que rompe o involucro, leva diante de si o sabugo, que é mui alvo e levissimo.

Estas torcidas, de mui variados diametros, além de facilmente se adaptarem aos bicos dos candieiros e candeas, consomem tres vezes menos azeite do que as ordinarias; dão maior luz, mais clara e menos tremida; não exhalam, depois de apagadas, o fumo e cheiro incommodo que dão as de algodão, nem criam morrõ s.

Éstas vantagens, por nós ja experimentadas, foram-no igualmente por outras muitas pessoas d'esta villa, que ao presente usam exclusivamente d'estas torcidas. —— *R. de Gusmão.*

DESTRUIÇÃO DO GORGULHO.

128 Le-se do *Dictionnaire des Mènages:*

«Um lavrador de Berlim possuia alguns celeiros públicos que eram terrivelmente infestados de gorgulho; tendo porém casualmente guardado n'um d'elles uma porção de ramos de *sabugueiro*, achou que este simples preservativo fizéra desappareccer inteiramente aquelle insecto damninho.»

Pedimos a alguns dos nossos lavradores, que, por utilidade propria e commum, hajam de experimentar ésta singella indicação de M. Havet, dignando-se de ter a bondade de nos communicar o seu resultado: favor este que, por interesse público, muito desejaria a REVISTA obter de todas as pessoas que experimentassem as suas indicações, que todavia são sempre extrahidas das publicações mais sérias e acreditadas da Europa.

—

FABRICA DE VIDROS.

(EDIFICIO ABANDONADO.)

129 Logo acima do 'Campo', no concelho de Terras-de-Boiro d'este districto de Braga, entre dois alcantilados e pittorescos montes do Gerez, está um valle ameno onde, na margem esquerda de um ribeiro, junto á famosa terceira via-militar dos romanos que de Braga conduzia a Astorga, entre os notaveis padrões de granito que marcavam as distancias e de que ainda hoje se divisam restos, existe esquecido um magnifico edificio, derrocado em parte pèlo fanatismo patriotico que tem agitado o povo da nossa patria de 1808 para ca. Era onde existiu a fábrica de vidros vulgarmente chamada de 'Covide' cujos productos trocados a oiro na proxima Galliza, e derramados pelas provincias do Minho e Tras-os-montes, foram um manancial de riquezas para seus donos.

Um edificio como este, cercado de mattos virgens para lhe fornecerem combustivel, n'um terreno fertil, cuja cultura o podia abastecer de tudo o necessario, sería na verdade um local excellente para crear um grande estabelecimento de vivenda e manufactura. Comtudo o edificio de que fallâmos está abandonado, e acabando de arruinar-se, sem que, apezar das favoraveis e attrahentes circumstancias que mencionâmos, ninguem se tenha ainda lembrado de o aproveitar para um estabelecimento tão util á sua empresa e a ésta provincia.

Julguei eu que devia indicar e denunciar ao paiz este thesoiro ignorado, a vêr se alguem se resolve a approveital-o para utilidade commum. Nunca me arrependerei de assim o ter feito embora não incontre senão o indifferentismo dos que me lerem.

Povoa-de-Lanhoso.

J. J. F. de Mello e Andrade.

—

NABOS DA SUECIA:

(*Brassica rutabaga — C. V.*)

130 Muito conviria que este vegetal, ha annos

introduzido na Inglaterra, Allemanha e França, se cultivasse tambem em Portugal, onde produz excellentemente, segundo o que sabemos de alguns ensaios. O anno passado, no sitio da Golegan, semeou-se uma pequena porção, e outra no logar de Bemfica, junto a Lisboa, ambas as quaes produziram nabos de extraordinaria grandeza, alguns de dois arrateis e dois arrateis e meio de pêso.

A utilidade d'esta planta é muita e importante: resiste no inverno a todo o rigor do tempo; e é alimento saudavel para o homem e de provada nutrição para toda a qualidade de gado, especialmente lanigero. Na Allemanha, França e Inglaterra, é um dos principaes sustentos dos seus infinitos rebanhos de ovelhas na estação invernosa, e se n'essa mesma occasião a adoptarem em Portugal para o mesmo fim, decerto que cessará a grande mortandade que a fome produz nos gados quasi todos os annos, por esse tempo.

A cultura d'esta planta é facilima. As terras que estiveram de milho, fava, grão, batata, melancia, são as mais proprias para a sua sementeira. Nas primeiras-aguas semeia-se a semente misturada com terra ou areia para que fique bem rara, afim da planta se podêr bem desinvolver: passa-se depois uma grade por cima, para cobrir a semente, que não deve ficar muito funda.

Quando o nabal está feito, quero dizer, o fructo em completa maturição, fecha-se uma conveniente porção d'elle com uma rede, e introduz-se o gado dentro d'este logar assim fechado para o pascer todo: depois do que faz-se o mesmo com outra porção etc. Quando o terreno onde esteve o nabal está todo despejado, é capaz de receber qualquer outra sementeira que se lhe deite, porque as raizes dos nabos teem desintorroado o solo e o gado tem-no estrumado: e se o terreno ficar desembaraçado até fevereiro ou mais tarde, poderá ainda ser semeado de cereaes, que assim devem produzir uma boa colheita.

Se os nossos lavradores que teem gados experimentarem ésta semente acharão quanto ella é preferivel á de nabos do paiz. Póde-se obter facilmente mandando-a vir de Hamburgo, Londros, ou qualquer porto da Inglaterra, e mesmo em Lisboa, rua direita d'Alcantara, loja de sementes.

Uma pequena porção d'ella mando para amostra ao escriptorio da REVISTA.

J. W.

O COMMERCIO NA SUA LIGAÇÃO COM A AGRICULTRA E INDUSTRIA NACIONAL.

131 A agricultura, a industria, e o commercio são os trez mananciaes da subsistencia, riqueza, e prosperidade nacional.

Pela agricultura obtem-se os productos da terra; pela industria augmenta-se-lhes o valor, uso, e consummo; pelo commercio permutam-se e transportam-se aos mercados internos e externos, dando-lhes assim novo valor e maior consummo.

D'esta maneira, a agricultura fornece a materia: a industria da-lhe a fórma, e o commercio o movimento: e porque n'esta ligação intima, a fórma e o movimento recahem sôbre a materia, e não podem existir sem ella; é evidente que a agricultura é a primeira, a mais solida e fecunda origem da subsistencia, riqueza, e prosperidade nacional, dependendo todavia da cooperação activa e intelligente da industria e commercio.

Os limites d'este artigo não permittem que nos occupemos das diversas causas directas ou indirectas, que tem concorrido para o intorpecimento, atrazo, e imperfeição da nossa agricultura, industria, e commercio; nem de theorias abstractas sôbre cada um d'estes objectos: o que importa é emendar os erros, negligencias, e defeitos do passado, e marchar de presente e futuro pela estrada de aperfeiçoamento e progresso verdadeiro, que nos apresentam, para lição e exemplo, os paizes mais civilisados da Europa, e entre estes a Inglaterra e a França.

O nosso Portugal e possessões ultramarinas, pela sua fecundidade respectiva e vária, clima apropriado, e posição avantajada, offerecem vastissimo campo ás diversas producções agriculas, sôbre que trabalhem as artes e industria, e se occupe o commercio: cumpre porém que cada um d'estes mananciaes avance na sua orbita em reciproca convivencia, e cooperação mutua.

AGRICULTURA.

Para que a agricultura assim avance, a exemplo da Inglaterra e França, incumbe ao proprietario e lavrador:

1.° Destinar os terrenos ás especies de cultura mais adaptadas á respectiva qualidade dos mesmos terrenos, sua exposição e clima, contando com o consummo e mercado das suas producções:

2.° Na cultura de cereaes e legumes, escolher, variar e alternar as melhores e mais perfeitas sementes que houver de lançar á terra, e preparal-as por meio do processo sabido e cauteloso de as mergulhar em agua salgada ou de cal; com o que, além de obter productos melhores e mais perfeitos, economizando as sementes, evitará as molestias, e insectos, que atacam as sementeiras e searas:

3.° Fecundar a fertilidade das terras com estrumes vegetaes, animaes, ou compostos, apropriados ás mesmas terras, e especie de productos a que se destinarem:

4.° Empregar os mais perfeitos e expeditos instrumentos, utensilios, transportes, e officinas, na lavra, amanho, e colheita das producções, e processos ultimos de que ellas dependerem para o seu uso e consummo:

5.° Ter com boa escolha os precisos e mais uteis animaes de trabalho para o serviço da lavoira, e estrumes para as terras; e criar a possivel cópia de animaes e aves de economia domestica: segurando a sustentação de uns e outros com abundante provisão de forragens, e pastos naturaes e artificiaes das diversas qualidades, accommodadas aos respectivos locaes:

6.° Na creação de gados, escolher, melhorar, e aperfeiçoar successivamente as raças das respectivas especies e variedades de animaes; apar da criação de vaccas combinar o fabrico apurado de manteiga e queijos; e quanto a gado lanigero combinar os simultaneos proveitos da sua corpolencia, melhor e mais abundante lan, e queijo:

7.° Na plantação e cultura de arvores fructiferas, escolher as especies de plantas e arvores mais apropriadas aos terrenos pela sua qualidade e fertilidade experimentada nos locaes, aproveitando e utilizando ao mesmo tempo toda a superficie dos terrenos,

e vallados que os circundam, e enxertando incessantemente as arvores que se mostrarem esteris, ou pouco productivas:

8.º praticar com esmerada perfeição e boa-fé os processos ultimos de que dependerem as producções agriculas para se offerecerem ao consummo, e em especial no tocante á limpeza e sécca dos cereaes, e fabrico de vinho e azeite; afim de fornecer ao mercado interno productos desinganados, e subministrar ao commercio externo as excellentes e genuinas qualidades dos nossos vinhos para concorrerem, como merecerem, nos mercados extrangeiros; e preferindo em iguaes circumstancias, as arvores mais prestaveis á economia agricula, ás artes, á mecanica, e á construcção rural, urbana, ou naval.

(Continúa.)

Luis Antonio Rebello da Silva.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO X.

Valle de Santarem — Namora-se o A. de uma janella que ve por entre umas arvores. — Conjecturas várias a respeito da ditta janella. — Similhança do poeta com a mulher namorada, e inquestionavel inferioridade do homem que não é poeta. — Os rouxinoes. Reminiscencia de Bernardim Ribeiro e das suas saudades. — De como o A. linha quasi completo o seu romance, menos um vestido branco e uns olhos pretos. — Sahem verdes os olhos com grande admiração e pasmo seu. — Verificam-se as conjecturas sobre a mysteriosa janella. — A menina dos rouxinoes. — Censura das damas muito para temer, critica dos elegantes muito para rir. — Começa o primeiro episodio d'esta Odyssea.

132 O valle de Santarem é um d'estes logares privilegiados pela natureza, sitios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está n'uma harmonia suavissima e perfeita: não ha alli nada grandioso nem sublime, mas ha uma como symetria de côres, de sons, de disposição em tudo quanto se ve e se sente, que não parece senão que a paz, a saude, o socêgo do espirito e o repouso do coração devem viver alli, reinar alli um reinado de amor e benevolencia. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pezares e as villezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagine-se por aqui o Eden que o primeiro homem habitou com a sua innocencia e com a virgindade do seu coração.

Á esquerda do valle, e abrigado do norte pela montanha que alli se corta quasi a pique, está um massisso de verdura do mais bello viço e variedade. A faia, o freixo, o alamo enterlaçam os ramos amigos; a madresilva, a musqueta penduram de um a outro suas grinaldas e festões; a congossa, os fettos, a malva-rosa do vallado vestem e alcatifam o chão.

Para mais realçar a belleza do quadro, ve-se por entre um claro das arvores a janella meia aberta de uma habitação antiga mas não dilapidada — com certo ar de confôrto grosseiro mas carregada na côr pelo tempo, e pelos vendavais do sul a que está exposta. A janella é larga e baixa; parece mais ornada e tambem mais antiga que o resto do edificio que todavia mal se ve...

Interessou-me aquella janella.

Quem terá o bom gôsto e a fortuna de morar alli?

Parei e puz-me a namorar a janella.

Incantava-me, tinha-me alli como n'um feitiço.

Pareceu-me entrever uma cortina branca... e um vulto por de traz... Imaginação decerto! Se o vulto fosse feminino!.. era completo o romance.

Como hade ser bello ver pôr o sol d'aquella janella!..

E ouvir cantar os rouxinoes!..

E ver raiar uma alvorada de maio!..

Se haverá alli quem a aproveite, a deliciosa janella?.. quem aprecie e saiba gosar todo o prazer tranquillo, todos os sanctos gosos de alma que parece que lhe andam esvoaçando em tôrno?

Se fôr homem é poeta; se é mulher está namorada.

São os dois entes mais parecidos da natureza, o poeta e a mulher namorada: veem, sentem, pensam, fallam como a outra gente não ve, não sente, não pensa nem falla.

Na maior paixão, no mais acrysolado affecto do homem que não é poeta; entra sempre o seu tanto da vil prosa humana: é liga sem que se não lavra o mais fino de seu oiro. A mulher não; a mulher apaixonada devéras sublima-se, idealiza-se logo, toda ella é poesia; e não ha dôr physica, interesse material, nem deleites sensuaes que a façam descer ao positivo da existencia prosaica.

Estava eu n'estas meditações, começou um rouxinol a mais linda e desgarrada cantiga que ha muito tempo me lembra de ouvir.

Era aope da ditta janella!

E respondeu-lhe logo outro do lado opposto; e travou-se entre ambos um desafio tam regular, em strophes alternadas tam bem medidas, tam accentuadas e perfeitas, que eu fiquei todo dentro do meu romance, esqueci-me de tudo o mais.

Lembrou-me o rouxinol de Bernardim Ribeiro, o que se deixou cahir n'agua de cançado.

O arvoredo, a janella, os rouxinoes... áquella hora, o fim da tarde... que faltava para completar o romance?

Um vulto feminino que viesse sentar-se áquel-

le balcão — vestido de branco — oh! branco por fôrça... a frente descahida sôbre a mão esquerdo, o braço direito pendente, os olhos alçados ao ceo... De que côr os olhos? Não sei, que importa! é amiudar muito demais a pintura, que deve ser a grandes e largos traços para ser romantica, vaporosa, desenhar-se no vago da idealidade poetica...

— 'Os olhos, os olhos...' disse eu pensando ja alto, e todo no meu extasi.

— 'Os olhos... pretos?...

— 'Pois eram verdes!

— 'Verdes os olhos... d'ella, do vulto da janella?'

— 'Verdes como duas esmeraldas orientaes, transparentes, brilhantes, sem preço.'

— 'Quê! pois realmente?.. É gracejo isso, ou realmente ha alli uma mulher, bonita, e?..

— 'Alli não ha ninguem — ninguem que se nomeie hoje, mas houve... oh! houve um anjo, um anjo, que deve de estar no ceo.'

'Bem dizia eu que aquella janella...'

'É a janella dos rouxinoes.'

'Que lá estão a cantar.'

'Estão, esses lá estão ainda como ha dez annos — os mesmos ou outros, mas a *menina dos rouxinoes* foi-se e não voltou.

— 'A menina dos rouxinoes! que historia é essa? Pois devéras tem um historia aquella janella?'

É um romance todo inteiro, *todo feito* como dizem os francezes; e conta-se em duas palavras.

— 'Vamos a elle. A menina dos rouxinoes, menina com olhos verdes! Deve ser interessantissima. Vamos á historia ja.'

— 'Pois vamos. Apeemo'nos e descancemos um bocado.'

Ja se ve que este dialogo passava entre mim e outro dos nossos companheiros de viagem.

Apeámo'nos com effeito; sentamo'nos; e eis-aqui a historia da *menina dos rouxinoes*, como ella se contou.

É o primeiro episodio da minha Odyssea: estou com medo de entrar n'elle porque dizem as damas e os elegantes da nossa terra, que o portuguez não é bom para isto, que em francez que ha outro não-sei-quê...

Eu creio que as damas que estão mal informadas, e sei que os elegantes que são uns tolos; mas sempre tenho meu receio, porque emfim, emfim, d'elles me rio eu, mas poesia ou romance, musica ou drama de que as mulheres não gostem, é porque não presta.

Ainda assim, bellas e amaveis leitoras, intendamo'nos: o que eu vou contar não é um romance, não tem aventuras inredadas, peripecias, situações e incidentes raros; é uma historia simples e singella, sinceramente contada e sem pertensão.

Acabemos aqui o capitulo em fórma de prologo, e a materia do meu conto para o seguinte.

Continúa *A. G.*

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE S. MIGUEL. PRECEDIDO DOS DE PORTUGAL ETC. (*)

133 Afora estes antiquissimos direitos certos e geraes, recebiam os nossos soberanos alguns outros especiaes, e denominados *teiga d'abrão*; (1) a *passagem*, *usagem*, e *costumagem*, (2) os quaes eram insignificantes. Igualmente percebiam outros, que postoque fossem geraes, eram porèm incertos e adventicios, como as *collectas*, ou certos fructos na occasião em que passavam pelas cidades e villas; (3) os *direitos da chancellaria*, e as *dizimas* das *sentenças condemnatorias*; o *lucro dos thesouros achados*, e *das minas*; as *penas dos delictos*; os *bens vacantes*, ou *dos indignos*, ou *delinquentes*; e outros mais a que deram o character de direitos reaes, e que pelas leis romanas pertenciam ao fisco. (4)

Com tão pouco eram suppridas, no principio da nossa monarchia, as despezas da casa-real e do Estado! (E hoje.....?! Avante!) Releva observarmos, que para as urgencias da guerra *contribuiam amplamente* as ordens militares, os mosteiros, e os fidalgos com as suas pessoas e bens, além do direito que tinham os reis d'aposentadoria, á custa dos povos, (5) e de lançarem *pedidos* para os seus cazamentos, e mais despezas extraordinarias: (6) pedidos e aposentadorias que não so disfructavam os monarchas, mas tambem os fidalgos nas suas respectivas terras, até que isto, ficando reservado ao rei como direito real, foi prohibido a todos os mais por el-rei D. João I; (7) prohibição ésta que se tornou extensiva aos ca-

(*) Continuado da pag. 93.

(1) Ord. Filip. liv. 2, tit. 33 § 22.

(2) Ord. Affons. liv. 2, tit. 5, art. 19: — no foral de Lx.ª art. — privilegios — e na collecção de Duarte Nunes de Leão, Part. 6. Lei 13.

(3) Mem. de Litt. Port. T. 2, pag. 199.

(4) Sist. dos Reg. T. 5, pag. 28. — Collec. 1.ª das Extr. ao liv. das Ord. tit. 2, N. 2.

(5) Nas côrtes de 1439 se concedeu exempção de aposentadoria da côrte á cidade de Lisboa, que subsequentemente se ampliou a outras cidades e villas; concorrendo para ésta mercê o infante D. Pedro, então regente do reino, a quem o povo, por este beneficio, quiz inaugurar uma estatua. A cidade de Lisboa ja anteriormente para se desonerar d'ésta despeza havia applicado certas rendas, que pagava o povo, e que depois renunciou a favor d'elrei D. Sebastião. — *Rui de Pina* na chron. de D. Aff. 5.º tit. 1.º dos Ined. — Mem. de litt. por. T. 2, pag. 82. — Sist. dos reg. T. 4, pag. 220.

(6) Antigamente se observou este costume, sendo as quantias precisas umas vezes pedidas e outras offerecidas, e quasi sempre em côrtes. — Elrei D. Affonso 6.º pediu ás ilhas dos Açores sete mil cruzados para ajuda do dote de sua irmã, a rainha da Gran'Bretanha. Liv. 2.º fl. 30 do reg. ant. da camara da cidade de Ponta-Delgada.

(7) Ord. Aff. liv. 2.º tit. 24 § 20, e tit. 59, §§ 8 e 11 e liv. 5, tit 95.

pitães governadores das ilhas. (8) Os povos costumavam então lançar a si mesmos, em cada uma das cidades e villas, que precisavam de alguma obra pública, as fintas mais adequadas, quando lhe não chegavam as rendas do concelho. (9)

Do que vimos de relatar se infere, que os reguengos, as jugadas, e as portagens ou se percebessem por taxa ou por dizima, eram os unicos tributos certos que se pagavam aos senhores reis, no principio da lusa monarchia. Subsequentemente accresceu outro, de não menor importancia, imposto nas *compras* e *vendas* dos predios, e das mercadorias, a que deram o nome de *sizas*, devendo pagar-se *dous soldos por livra*, isto é, *dous de vinte*, que é o mesmo que dez *por cento*, ou a decima parte do preço porque se compravam, vendiam, ou escambavam os objectos, ou da estimação das permutadas; e devia ser paga igualmente por ambos os contrahentes, excepto se algum d'elles tinha privilegio de não pagar siza, porque então a fazenda so recebia metade, *perdendo a que o outro devia pagar.* (10) Este privilegio sempre recahia em benemeritos da patria.

D'este tributo podêmos procurar a origem na historia dos imperadores romanos: (11) Ha quem diga que elle foi conhecido em Portugal ja no tempo d'elrei D. Affonso 4.° (12). Mas se reflectirmos, que fazendo os ecclesiasticos por muitas vezes grandes queixas a elrei D. Diniz por se lhes exigirem dizimas, portagens, tersas, e outros serviços pessoaes; (como se lê nas chamadas *concordias* celebradas n'este reino e em Roma) e que nunca se queixaram de se lhes pedirem *sizas*, (13) poderemos concluir que ellas não existiam no tempo d'este monarcha.

O sr. J. E. Rodrigues da Costa, tractando magistralmente d'este objecto, assim diz: «Não sabemos ao certo, em que tempo foram lançadas as *sizas*, mas por antigas notícias parece, que este imposto fôra desconhecido em Portugal até ao tempo de D. Diniz, e so teve principio no reinado de D. Affonso 4.°, pelos annos de 1345. Consta que no principio fôra uma contribuição voluntaria, que os povos distribuiam entre si, quando assim era necessario, para accudirem a alguma despeza pública; sendo d'este modo que os moradores de Setubal lançaram entre si *duas sizas*, para cercarem a villa de muralhas, que Affonso 4.° lhe mandou construir. Crescendo porem as despezas do Estado tornou-se necessario, que ésta imposição, de que os povos se serviam para supprir as despezas extraordinarias, e as das guerras, e *era supprimida logo que cessava o motivo para que fôra destinada*, se convertesse em tributo geral, cobrado pelas repartições públicas, e incorporado nas outras rendas que pertenciam á fazenda.» (14)

(8) Ord. Manuel. Liv. 5, tit. 69 no princ.
(9) Ord. Filip. liv. 1, tit. 66. §41.
(10) Apontamentos para a historia dos impostos em Portugal pelo sr. J. E. R. da Costa, 1844.
(11) Augusto fez pagar a centecima das compras, e Theodozio introduziu o chamado — siliquatico, que se pagava nas feiras. — Mem. de litt. port. T. 2, pag. 341.
(12) Inst. jury. civ. lus. Pasc. J. de Mello, liv. 1, tit. 4, na nota do § 9.°
(13) Ord. Aff. liv. 2, tit. 1.°, 2.°, 3.°, e 4.° Tractado de Manu regia. T. 1.° no fim.
(14) Cabbedo, part. 2, Dec. 113, n.° 2.° — e Apont. para a hist. dos Imp. em Port. art. sizas.

Não ha para duvidar que as *sizas* foram conhecidas e lançadas no tempo d'el-rei D. Affonso IV, e que igualmente existiram no tempo do seu successor D. Pedro I: porque na representação que a este monarcha endereçaram os ecclesiasticos, de que os obrigavam a pagar fintas, e *sizas pera refazimento dos muros*,

Pedro, que amores teve com a justiça
Real, e não cruel inclinação. [15]

ordena, *que se guarde, e use sobre ello pela guisa, que se sempre usaarom ataa a morte d'el-rei nosso padre, a que Deus perdoe, e despois ataa ora.* [16] E quando el-rei D. João II, nas côrtes que começou em Evora no anno de 1481, se viu instado para tirar as sizas, na resposta que deu não póde marcar a origem d'este antigo tributo anterior ao reinado d'el-rei D. Affonso IV. [17) No d'el-rei D. Fernando tambem as sizas se pagaram, e com a notavel circumstancia, [que não devemos omittir], de que queixando-se os povos nas côrtes celebrados em Lisboa em 1372, de que os ecclesiasticos e os fidalgos as duvidavam pagar, o monarcha deferiu, mandando, *que uns e outros as pagassem, como qualquer do povo.* [18] Cumpre-nos porém notar, que éstas sizas do tempo dos senhores reis D. Affonso IV, D. Pedro I, e D. Fernando, não foram geraes nem perpetuas, mas temporarias, e applicadas para certas obras públicas, e para outras urgencias do Estado. Isto mesmo se observou nas côrtes, que el-rei João I convocou em Coimbra em 1387, onde se lançaram *sizas geraes*, mas tão somente por um anno, para as despezas da guerra, que elle gloriosamente sustentou, contra as pretenções de Castella: [19] e nas côrtes de Braga, celebradas n'este mesmo anno, se obrigaram os povos a pagar para as sobreditas despezas, por um anno, as referidas sizas dobradas. (20)

É porém indubitavel, que aindaque este tributo, começasse com restricção de tempo, veio a perpetuar-se: tanto assim, que nas côrtes que el-rei D. João I convocou em Evora em 1408, se fez consignação do *terso das sizas* para reparo das fortalezas do reino, (21) e este mesmo monarcha firmou e aclarou os artigos porque d'antes se regulava e cobrava este tributo; os quaes seu filho o sr. D. Duarte ampliou, e seu neto o sr. D. Affonso V aperfeiçoou nos artigos sôbre a percepção d'este tributo, promulgados em 27 de setembro de 1476. (22) E mais evidentemente reconheceremos, que as sizas so começaram a ser geraes e perpetuas no tempo d'elrei D. João I, quando reflectirmos sôbre a naturesa das representações, que a este respeito lhe fizeram os ecclesiasticos, e os fidalgos. Disseram aquelles: «que os officiaes das sizas os citavam e demandavam para se ajustarem com elles pelo que deviam

(15) Sá de Miranda
(16) Ord. Aff. liv. 2 tit. 5 art. 1.
(17) Ord. Aff. T. 1. na prefação pag. 10.
(18) Ord. Aff. liv. 4. tit. 47 § 1.°
(19) Mem. de Litt. Port. T. 2., pag. 68.
(20) Mem. de Litt. Port. T. 2. pag. 68.
(21) Ibidem pag. 75.
(22) Quem se der ao trabalho de ler estes artigos das sizas, observará o que foi ordenado por el-rei D. Affonso V, por seu pai, e por seu avô; bem como o que se praticava n'esta cobrança temporaria nos reinados precedentes.

pagar por todo o anno, ainda mesmo das rendas ecclesiasticas.» (23) E disseram estes, nas côrtes de Coimbra de 1398: «que deviam ser exemptos de as pagar, ao menos d'aquellas coisas que compravam ou vendiam, para estarem preparados para servir o Estado. Ao que el-rei respondeu: «*que as sizas haviam sido lançadas em côrtes, com assistencia dos ecclesiasticos, dos fidalgos, e dos povos, e que alli se estabelecéra, que nem as mesmas pessoas reaes ficassem exceptuadas.*» (Que tempos aquelles tão felizes! Que legislar tão livre! Que monarchas tão respeitadores das deliberações dos representantes da nação! Eis como n'aquellas epochas se estabelecia a verdadeira igualdade perante a lei!)

Queixaram-se finalmente os ecclesiasticos a el-rei D. Affonso V, na chamada *concordia* que com elle celebraram: «de que os officiaes *não contentes de arrecadar as ditas sizas, como se arrecadarom em tempo de vosso avô e padre, se esforsom ora varejar, e ter comnosco aquella maneira que tem com qualquer mercador e regatão.*» (24) Aqui manifestamente se reconhece que elles so se referem á origem d'estas sizas geraes e perpetuas, ao tempo do avô do sobredito monarcha, o sr. D. João I.

Qualquer porém que fosse a sua origem, natureza e applicação, é incontroverso que el-rei D. João I as começou a contar entre as coisas que pertenciam á sua real fazenda, como poderemos observar nas explicações que fez a alguns artigos das sizas: (25) e ainda melhor na resposta dada aos fidalgos, em que claramente diz: «que se ellas não fossem pagas por todos *nom teeria el-rei tanto perque se podesse manteer, nem os encarregos da sua terra maiormente em tempo de guerra.*» (26)

(Continúa.)

B. J. Senna Freitas.

BIBLIOGRAPHIA.

TRADUCÇÃO.

134 Sr. Redactor. — No último número da REVISTA annuncia-se a importante obra do illustre sabio de Berlin, o barão d'Humboldt, com o titulo — *Cosmos*, cujo 1.° volume sahíra ja em allemão, e se acha traduzido em francez; sentindo-se a demora que deverão ter os outros dois volumes, que de tres constará toda a obra.

Certamente será muito rica em factos, e muito vasta em sua comprehensão, quanto o pedem os materiaes collegidos pelo illustre sabio, que tem sabido collocar-se na altura da sciencia; e ainda mais pela elaboração intellectual de tão sublime escriptor. Sua obra fará esquecer a perda da grande obra do philosopho antigo Democrito, intitulada *Macroscomo*.

Ha tempos tinha eu visto nos jornaes extrangeiros annunciada esta nova obra do sabio barão, e tive logo muito desejo de a ver.

Este meu desejo recresce agora com aquelle seu annuncio, sendo muito natural que naseça o mesmo desejo em seus numerosos leitores. E para prevenir a todos os portuguezes sobre o meio mais facil de a lerem e possuirem, é que eu me dirijo a V. pedindo-lhe o favor de publicar na sua REVISTA ésta minha carta, em que declaro que eu me offereço ao publico para lhe traduzir na lingua materna aquella grande obra — *Cosmos*, do barão d'Humboldt, accrescentando-lhe algumas notas quando me pareçam interessantes.

E faço ésta promessa ao publico na convicção de lhe prestar um importante serviço; prevenindo-o de que não a poderei realizar sem me persuadir que será bem acceita; e o meio de me convencer será abrindo uma subscripção até cubrir as despezas do costeamento.

Por este modo cumprirei, ao menos em parte, uma promessa que vae para tres annos, eu tinha feito ao publico, na minha memoria — *Medicina sem medicina*, a pag. 21, que ainda não foi possivel realizar, nem sei quando será. Prometti eu em 1843 publicar um trabalho com o titulo — *O Microscosmo no Macroscomo: o mundo pequeno no grande mundo: o homem na natureza.* Muita relação devem ter estes nossos trabalhos: e muito estimo eu que tão habil penna me venha ministrar um auxilio de que tanto carecia, e que me seria impossivel obter por minhas proprias forças; sobre tudo quanto á sua vastidão, e quanto á analyse e synthese dos factos, e finalmente quanto á elaboração da materia etc. Por éstas razões me julgo eu obrigado a fazer ésta traducção; e até o público com direito a esperal-a de mim.

Esperando da sua bondade o favor que lhe peço, espero tambem que satisfará o desejo dos seus leitores, e me obrigará muito por ser etc. *Jacinto Luiz d'Amaral Frazão.*

BREVES NOÇÕES DE GEOGRAPHIA PARA USO DAS ESCHOLAS PRIMARIAS; *pelo Dr. B. T. da S. Carneiro.* Coimbra: na imprensa da Universidade — 1845.

Tinha o Sr. Dr. Carneiro ainda no prelo os seus *Elementos de Geographia e Chronologia para uso das escholas* (de que demos noticia no precedente volume d'este jornal), quando pelo *Conselho superior d'instrucção publica* foi incumbido de ordenar umas *Breves Noções de Geographia*, accommodadas ás primeiras idades. Satisfez immediatamente a tão honroso encargo, e intendeu que para dignamente o preencher a melhor fórma de discurso era o dialogal, e em facil e corrente linguagem. O Conselho approvou este opusculo, que é o maximo dos elogios que se lhe podem fazer; n'elle resplandece effectivamente singelleza d'estylo, concisão, bóa ordem, e uma certa naturalidade nas transições muito para apreciar e louvar em escriptos d'este genero. Desejaramos porém [permitta-nos o eximio professor este leve reparo] que no que respeita ao nosso reino fosse menos breve. Doeu-nos o coração ao ver as poucas linhas que dédicou a este paiz abençoado, e tão mal conhecido de seus proprios naturaes. E' certo que o titulo do opusculo como que justifica este laconismo; porém se, n'este ponto somente, remittisse um pouco tão rigorosa concisão, ninguem, cremos nós, o extranharia.

Mas ainda assim, não aguarentamos, expomos a nossa opinião, que so pertendemos valha como tal.

R. de Gusmão.

INSTRUCÇÕES SECRETAS DOS JESUITAS, traduzidas de um manuscripto flamengo do seculo XVII. — Lisboa 1845. (*)

Nas presentes circumstancias em que uma nova grita de guerra resoa ao mesmo tempo em diversos paizes contra a Companhia de Jesus — em que entre os defensores e entre os inimigos d'ella, depois de uma longa, azeda, violenta polemica, depois de um sem número de accusações e de apologias, acaba de travar-se uma lucta encarniçada e que já foi sanguinolenta — o opusculo de que damos noticia não póde deixar de estimular a publica curiosidade. A proposito d'elle, e por occasião d'elle, infindas cousas poderam dizer-se, e pouco mais que nada devemos e queremos dizer n'este logar. Talvez os leitores se julguem com direito a fazer-nos duas perguntas a tal respeito, visto darmos conta d'ésta publicação, a saber: o que pensâmos acerca da *authenticidade* das *Instrucções secretas*: e qual é a nossa opinião relativamente á mesma por certo muito importante causa jesuitica, que tem suscitado e continúa a suscitar *truces inimicitias et funebre bellum.*

(*) Vende-se na livraria de Silva — Praça de D. Pedro n.° 82.

(23) Ord. Aff. liv. 2. Tit. 7 art. 17 e 19.

(24) Gabriel Pereira de Castro no tract. de Man. Reg. t. 1.° no fim — Concordia art. 4.° — e Ord. aff. liv. 2. tit. 59 §. 1.°, onde se encontram coisas muito notaveis.

(25) Sirva de prova o cap. 1.° no §. 2.°, dos ditos artigos das sizas, onde se le — nossos direitos.

(26) Ord. aff. liv. 2. tit. 59. § 1.°

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

Satisfaremos candidamente á primeira pergunta; responderemos á segunda, que nos conservâmos por agora em stricta neutralidade.

Diremos pois com a promettida franqueza, que não nos inclinâmos a admittir como genuino o preconisado manuscripto flamengo; sem que por outra parte intendamos duvidar da boa fé do editor Bruxellense. Fundam-se nossos escrupulos primeiramente na multiplicidade de taes pretendidos documentos, achados, ou que se tem dito achados em differentes tempos e paizes, e que todos elles diversificam consideravelmente uns dos outros em pontos momentosos. Um d'elles temos agora ante os olhos, o qual não conforma com o flamengo, nem em quanto ao estylo, nem em quanto á ordem das materias, nem quanto ao contendo da mor parte dos seus capitulos e paragraphos. Intitula-se *Mundo Jesuitico*, é escripto em italiano, e impresso em Lugano na Suissa, em 1759. Em segundo logar parece-nos pouco verosimil que os prelados maiores da Companhia reduzissem a escriptura, estatutos e recommendações que revelavam a existencia de um plano insidioso, e uma tendencia perniciosissima debaixo de todos os aspectos. Dos primeiros geraes não ha presumir tanto requinte de malicia, constando que foram abalizados em santidade. Os que se lhes seguiram, dado que degenerassem da primitiva virtude, foram todos incontrastavelmente dotados de grandes luzes e consummada discrição. Ora sendo taes, como se poderá facilmente admittir que ignorassem os meios de communicar aquellas instrucções practicas aos adeptos destinados ás altas funcções da sua tão bem organizada republica, ou antes monarchia, por meio de uma tradição oral, com o que evitariam o perigo de se divulgar tarde ou cedo um arcano de tanta supposição e melindre? Em poucas palavras, apezar da convicção e tom affirmativo do Sr. Esslens, o manuscripto Bruxellense, em nosso humilde intender, não é mais genuino que o *mundo jesuitico*, e outras muitas publicações analogas, que com elle offerecem algumas conformidades, mas por outra parte tambem muitas disconcordancia-. Em quanto á innocencia, sanctidade e utilidade, ou corrupção, veneno, e noxividade da celeberrima Companhia, cumprindo a nossa palavra, nos absteremos de emittir a nossa opinião, no que certamente não ficarão perdendo nem os seus panegyristas nem os seus detractores.

Somente nos aventurâmos a deplorar a virulencia, injustiça e parcialidade com que se pelejam estes combates em ambos os campos inimigos. Quando as accusações são tão graves, as recriminações tão atrozes, sem grande risco de errar se póde inferir que de uma e outra parte ha encarecimento e semrazão. Quem discorre como acabâmos de discorrer não agradará provavelmente nem aos discipulos de Loyola, nem aos leitores de Montloisier, de Dupin e de Michelet; mas tem jus de dizer aos primeiros, que bem se póde deixar de pertencer á Companhia-de-Jesus, sem deixar de ser membro da igreja fundada por Jesus; e aos segundos, que sem contradicção nem difficuldade se podem prezar os beneficios da moderna civilização, e aborrecer o phanatismo e brutal intolerancia, sem approvar tudo o que em desabono dos Jesuitas se tem escripto, desde Melchior Cano até Edgar Quinet. Finalmente nem os fautores, nem os adversarios da famigerada e perseguida Congregação, nos devem fazer um crime do scepticismo com que nem acreditâmos na authenticidade da *constituição secreta do imperio dos solipsos*, nem na existencia da alliança de *Borgo Fontana*: tam pouco nos poderão levar a mal, se ao lermos as *Provinciaes* de Pascal, e as *Memorias* de Barruel, não perder-mos de mira quantas falsidades acredita, inventa, e assoalha o *antagonismo* das escholas, e o espirito de partido.

L...

THESOIRO JUVENIL, ou Noções geraes de conhecimentos uteis, para uso das Escholas, por *Luiz Francisco Midosi*. — Lisboa 1845.

Este opusculo destinado principalmente á instrucção dos meninos que frequentam as escholas primarias, subministra-lhes um grande número de noções que, sem o seu auxilio, so muito mais tarde possuiriam, e muitas outras a que talvez ficassem perpetuamente extranhos, se a sua vocação e demais circumstancias lhes não houvessem de abrir estrada para as carreiras liberaes.

Além da utilidade que sempre resulta da diffusão de conhecimentos scientificos, e da explicação das causas de muitos phenomenos, mediante a qual se despem infindos preconceitos admittidos sem exame pelos individuos pertencentes ás classes illitteratas, prescindindo (dizemos) d'esta vantagem de não pequena monta, o *Thesoiro juvenil* póde ainda prestar outro serviço: A sua leitura é azada a excitar nos meninos não só uma vaga, sempre louvavel, curiosidade de estudar, senão tambem, porventura, uma precoce (não prematura) predilecção por alguma das muitas sciencias, artes e profissões, de que alli se lhes dá a definição e uma succinta noticia. Que admiração seria se o antegôsto que de alguma d'ellas tomarem no compendioso livrinho, despertasse n'elles um appetite que depois procurem saciar dedicando-se ao seu estudo ou exercicio com ardor e antecipada complacencia!

A lacuna que o digno e conspicuo auctor do *Thesoiro juvenil* accusa no seu prefacio, relativamente á instrucção elementar, existia comeffeito em Portugal, principalmente antes da publicação do *Manual Encyclopedico* do Sr. Monteverde, ao qual a mocidade, e o paiz em geral, devem n'este ponto assignalado serviço. O Sr. Midosi adoptando plano não de todo conforme, mas, em outro genero, igualmente racional e bem combinado, muito concorre, pela sua parte, para que vamos, em assumpto de tão vital importancia, seguindo o trilho que ha tanto tempo nos tem sido indicado pelas outras nações; e por ésta e outras publicações de analoga natureza se constitue benemerito de seus compatriotas.

Oxalá (e assim o esperâmo confiadamente) que elle continue a incontrar da parte do público a animação de que se tornam credoras as suas proficuas tentativas, em beneficio do desinvolvimento intellectual da juventude portugueza. Um pedido temos que dirigir ao Sr. Midosi e vem a ser, que ministrado este, a que chamaremos leite de instrucção litteraria elementar, fosse desde ja preparando para a adolescencia alimento algum tanto mais solido e substancial.

Veio-nos por acaso ás mãos ultimamente um manual allemão para uso das escholas de ensino primario, composto por *J. Hanssen* e *P. Hennings*, impresso em Meldorf em 1844, e achamo-lo tão ricco, e variado em precizas noções de historia natural, physica e chymica, moral, politica, estatistica, geographia etc., tudo adtemperado á capacidade pouco mais que infantil dos estudantes a quem é consagrado, que se nos despertou um ardente desejo de ver dado entre nós mais amplo desinvolvimento aos planos eminentemente uteis dos patrioticos e illustrados auctores do *Manual-Encyclopedico*, e do *Thesoiro-juvenil*.

L...

LIVRARIA CLASSICA.

A 'Livraria classica' concluiu com o seu 7.º vol.os excerptos das obras do padre Manuel Bernardes.

A exemplo da Italia, da França, e da Hispanha, que teem collecções similhantes dos seus melhores prosadores e poetas, insisto em louvar e apreciar muito o pensamento da 'Livraria-classica' mas seja-me permettido tambem insistir n'alguns pontos da sua execução. Em minha opinião (que como *opinião* simplesmente o digo) os escriptos do P. Bernardes, comquanto numerosos, não dariam quando muito para mais de quatro volumes de trechos selectos; mas dessem ou não para mais, o número de sette, ou qualquer outro número impar, é que me parece inconveniente nos escriptores d'esta collecção, pela simples razão de que havendo-se os volumes de incadernar dois a dois (aliás a continuar a 'Livraria-classica' como se ha mister e muito é de desejar, chegaria ella a um número incommodo de pequenos livros) é claro que o número impar desconcerta essencialmente este natural e a todos os respeitos conveniente arranjo.

O 7.º vol. vem inriquecido de uma 'noticia sobre a vida e obras do P. Bernardes' em que com toda a competencia, justiça e elegancia, se apreciam as duas mais relevantes qualidades dos escriptos dos P. Bernardes — a graça do estylo e a natu-

lidade e opulencia da linguagem. Estas noticias sôbre os AA. que fornecem os excerptos, da maneira porque e por quem são feitas, é mais uma grande recommendação a favor da 'Livraria-classica.'

Com o 8.º vol., começaram os excerptos do Cancioneiro dito do 'Collegio dos Nobres.'

ERRATAS.

Pag. 103, col. 1.ª, lin. 19 — carregadas, lea-se: *cerradas*.
Ib. col. 2.ª, lin. 13 — montanhas, lea-se: *manhans*.

VARIEDADES.

O MEZ DE SETEMBRO.

135 O signo d'este mez é a *balança*: mas balança sem *fiel*, quer na fortuna dos homens quer no galardão das suas boas acções, diga o que quizer o nosso astrologo: eisaqui o seu vaticinio:

Quem nasce n'este bom signo
Honras merece e alcança:
É varão constante e recto,
Probo, de siso e temp'rança.

Eu não nasci tal, mas quer nascesse quer não, honrado sim, mas ja hoje não acredito nas recompensas da terra: foi-se-me a fé... e a não ser nas *harmonias numericas* de Fourier em mais nada espero achar ventura. É um effeito de mau-humor como outro qualquer: pois será...

Este mez tem 30 dias. A sua lua começou no dia 3 de agosto e acabará no seu dia 1. Os dias diminuem 38 minutos de manhan e 38 minutos de tarde. O seu dia maior é o 1.º que tem 13 horas e 2 minutos. No dia 1 nasce o sol ás 5 horas e 61 minutos e põe-se ás 6 h. e 29 m.: no dia 30 nasce ás 6 h. e 9 m. e põe-se ás 5 h. e 51 m.

N'este mez começa a terra a despojar-se de alguma de sua verdura: fazem-se as vendimas, e colhem-se os fructos chamados de outono.

Os gregos celebravam n'este mez festas a Jupiter, para que elle abrandasse a sua colera e não mandasse grandes tempestades: celebravam tambem o anniversario da batalha de Platea, em honra dos seus concidadãos mortos na peleja. Os egypcios tinham as suas festas de Mercurio, e outras em que era da etiqueta comer peixe assado á porta-da-rua. A 4 d'este mez começavam os jogos romanos que duravam oito dias. No dia 13 celebravam a festa do capitolio, e no dia 15 começavam os grandes jogos circences que duravam cinco dias. A 23 bebia o summo-sacerdote de Bacho vinho-novo, pela primeira vez e publicamente, dizendo em voz alta: *Novum vetus vinum bibo, novo veteri morbo medeor*

Bebo vinho velho e novo:
Cura o novo achaques velhos.

EPHEMERIDES.

1, entrou em Lisboa o primeiro tributo do Oriento [1503] — 3, conquista das cidades de Azamor, Tite e Almedina [1513] — 8, synodo bracharense [1566] — 20, primeira acção militar de D. Nuno Alvares Pereira [1382] — 21, conquista da cidade de Zafim [1506] — 27, fundamentos para a primeira povoação em Pernambuco, no reinado de D. João III — 28, descoberta de Malaca por Diogo Lopes de Sequeira [1509] — 30, entrada de Lopo Soares de Albergaria em Ceylão [1518].

CORREIO EXTRANGEIRO.

136 O auctor mais fecundo dos nossos dias, mais applaudido e mais rico de todos que tem pegado na penna depois de Voltaire, é o celebre Eugenio Scribe, membro da academia franceza. Este fecundissimo escriptor possue o rendimento annual de 150,000 francos, quasi vinte e oito contos de réis.

Infelizmente parece ser ésta uma epocha de incendios: ao de Smyrna, de que ja demos noticia, e ao do arsenal de Toulon, de que abaixo fallâmos, devemos accrescentar: o da ilha-Bourbon, onde tambem ardeu um brigue de guerra francez; outro na ilha de Cuba, cujo prejuizo se avalia em 4 milhões de francos; o da Nova-Yorck, de que ainda se ignoram todos os detalhos; o de Quebec, pela segunda vez, em que arderam mais de 3,000 casas e 20,000 pessoas ficaram sem asylo, avaliando-se o prejuizo em 1,300,000 libras-sterlinas; o de Ternova, na Bulgaria, e finalmente uma galera americana perto da ilha Terceira.

O reinado do *feuilleton* existe hoje com todo o seu esplendor em França. Nada se póde comparar á competencia dos jornaes na publicação dos seus *feuilletons*, e á porfia em assalariarem (perdoem-nos os illustres litteratos a expressão se ella porventura soa mal ou seus ouvidos) os melhores romancistas da França, senão a pasmosa fertilidade d'estes. Alexandre-Dumas obrigou-se a não escrever, por espaço de cinco annos, senão para os jornaes *Presse* e *Constitutionnel*: ao presente publica elle tres differentes romances ao mesmo tempo em tres diversos jornaes, e obriga-se a fornecer desoito volumes por anno, nove para cada um dos sobreditos jornaes! Frederico Soulié fez um contracto analogo com o *Siècle* e a *Presse*. Entre nós tambem parece que vai começar o interesse e a guerra do folhetim; mas la em França sabe-se que ésta parte dos jornaes é paga a pêso do dinheiro: ca porém *tolera-se*, *pede-se*, *agradece-se*, quando muito, a inserção de um folhetim... Ha todavia n'isto um problema curioso de resolver: guardada a relação da extracção entre os dois paizes, porque acontece assim? Acaso as empresas dos nossos jornaes não pagam os folhetins por falta de merito nos escriptores, ou não ha melhores escriptores pela falta de generosidade das emprezas? E pelo que toca a extracção; não lê mais o público porque lhe não offerecem boa leitura, ou não lhe podem offerecer boa leitura porque elle não lê? *Qui potest care capiat.*

Os estudantes do collegio de Bebeck, em Constantinopla, deram uma representação dramatica na noite de 16 de junho. As peças escolhidas foram: uma comedia de Shakspeare 'The Merchant of Venice' em inglez, e outra comedia de Moliere 'Le Malade Imaginaire' em francez. A execução foi victoriada com geraes applausos pelos espectadores; e notou-se que, apesar de todos os executantes serem turcos, declamaram o inglez e francez com muita perfeição.

Uma ordem do imperador da Russia permitte, durante todo o corrente anno, a importação de cereaes livres de direitos, nos portos de Riga, Pernau e Revel, nas costas do Baltico.

Viajam hoje juntos pela Allemanha: a rainha de Inglaterra e seu esposo, a familia real da Prussia, o rei e a rainha da Belgica, e o principe de Metternich.

A rainha Victoria, o principe Alberto, e a familia real da Prussia, foram a Bonn, no dia 12 do passado, assistir á inauguração do monumento do celebre compositor Beethoven.

O arsenal da marinha de Toulon, o melhor dos tres arsenaes de França, incendiou-se no dia 1.º do corrente. O fogo rebentou com tamanha impetuosidade que o edificio foi quasi todo consummido com o seu ricco deposito de madeiras para construcções. Ésta circumstancia tem feito suspeitar que alguns presos que havia no arsenal lhe lançassem fogo para se evadirem a favor da confusão, o que effectivamente se realizou logo no começo de incendio. Avaliava-se a perda em oitenta milhões de francos.

O imperador de Marrocos estabeleceu em Fez uma eschola militar á europea para 500 mancebos.

O imperador d'Austria acaba de prohibir que dentro do seu imperio se estabeleça mais nenhuma companhia para construcção de carris-de-ferro até o anno de 1850. Durante este periodo deverão estar concluidos todos os carris actualmente em construcção.

No mez de junho último o número de passageiros que transitaram pelos caminhos de ferro na Austria, subiu a 1.103,000, isto é: 87,000 mais do que no mez de junho do anno passado.

A marinha parece ser hoje a predilecção de todas as familias reinantes da Europa. Na Hispanha o infante D. Henrique, na França o principe de Joinville, na Austria o archiduque, na Hollanda o segundo genito e na Suecia o terceiro filho do rei, na Russia o gran'duque Constantino, em Napoles o irmão do rei, no Egypto o filho do Bachá, são todos officiaes de marinha e em serviço activo.

Brunel, o ingenheiro auctor do tunnel do Tamisa, inventou uma locomotiva para os caminhos-de-ferro que augmenta consideravelmente a celeridade do transporte: com ésta nova machina fazem-se mais de dezeseis leguas por hora.

Dentro em pouco estará Genova em communicação com a Suissa por duas grandes linhas de carris-de-ferro, que darão summa importancia ao commercio maritimo: ja era tempo que ésta cidade, uma das rainhas do commercio na idade-media, adquirisse alguma coisa da sua perdida grandeza.

CORREIO NACIONAL.

137 No 'Angrense' de 3 de julho último le-se a curiosa captura de um negro que com quatro marujos de uma baleeira costeava a ilha Terceira dentro de um bote, sem recorrer aos soccorros de terra, nem podêr conjecturar-se como e porque se achavam n'aquelles mares confiados unicamente, ao que parece, nos seus tenues recursos.

Ésta captura não póde fazer-se sem muita resolução e zêlo do administrador do Conselho do Topo. O bote tem a marca: *S. T. Parker — Faire Haven.* O negro disse que a sua baleeira era dos Estados-Unidos e tinha ido a pique na altura das Flores.

O sigillo da confissão, segundo parece, está completamente violado; nem menos de tres empresas se propoem a publicar em Portugal *os peccados mortaes* de Eugenio Sue.

Hoje (28) da-se no 'Circo' um bello espectaculo: é uma valsa equestre dançada por oito cavallos montados por quatro cavalleiros e outras tantas cavalleiras. M. Laribeau é incansavel nos seus esforços para dar variedade e attracção aos seus espectaculos.

A Sr.ª Judith Rugalli, que adquiriu tamanho número de admiradores quantos foram o que tiveram o gôsto de a ver dançar a karkovienna no theatro do 'Salitre,' pela seductora graça com que o fazia, acaba de ser escripturada para o Theatro de S. Carlos. Era uma Graça que andava fóra do templo das musas, justo foi que tomasse o logar que lhe pertence.

A sempre incantadora Cintra tornou-se no dia 24 um paiz de fadas. Celebrou-se a antiga festa da Pena. O concurso ouvimol-o avaliar sôbre seis mil pessoas. O real palacio da Pena e o vistoso da serra apresentavam por todos os lados um panorama magnifico, impossivel de incontrar complexo em nenhuma outra parte do mundo. Á noite a quinta illuminada do Sr. Marquez de Vianna redobrava as maravilhas das vistas do dia, pela sua situação e o brilho dos lumes entre o frondoso do arvoredo. Se com o pensamento vos isolasseis da terra, dissereis estar n'um magico eden mais delicioso que os jardins de Armida.

A caixa-economica da Companhia 'Confiança' recebeu 6:108$440 réis, restituiu 3:545$500 réis, e teve 16 depositantes novos, na semana finda em 23 do corrente.

Parece que na cidade do Porto se vai estabelecer uma carreira de *Omnibus* para a Foz, trez veses por dia.

De ha muito que tributâmos homenagem ao Sr. *Francisco Mendes Cardoso Leal Junior*, pelos seus conhecimentos theoricos e praticos em chymica, e por seus outros muitos meritos; hoje porém, como portuguez que somos, lhe damos tambem sinceros agradecimentos pelo serviço prestado a uma das nossas artes — a de fogueteiro, que póde-se dizer, ia morrer em abandono, por causa do novo gôsto de fogos colorados ultimamente introduzido pelo Sr. *José Osti*.

Mas no 'Diario do Govêrno' de 18 d'agosto, vem o seguinte annuncio que bastante honra o seu auctor, e bom serviço faz á nossa industria.

«O preparador de chymica da eschola polytechni-«ca e da Casa-da-moeda, convida a todos os foguetei-«ros nacionaes para lhes ensinar a preparar os fogos «de artificio colorados. No seu laboratorio chymico na «antiga igreja demolida do Carmo.» * * *